NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIII NÚMERO 126 JUNHO DE 1955

O PROBLEMA DA CATEQUESE — PROBLEMA DE MENSAGEM — Cón. A. G. Neves 173

A EDUCAÇÃO DA PUREZA — Alberto Neto 182

O ENSINO RELIGIOSO À CRIANÇA — Nicolau Baptista 188

INQUÉRITOS:

PARÓQUIA DOS OLIVAIS — Miguel Ponces 194

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — José Alcobia 197

PARÓQUIA DE SACAVÉM — Equipa 199

PARÓQUIA DE MOSCAVIDE — J. Armando 201

LIVROS NOVOS — Alberto Neto 203

Novidade Literária

GUSTAVO CORÇÃO

A DESCOBERTA DO OUTRO

Prefácio do Dr. António Alçada Baptista

«Um pensamento e um estilo que bruscamente abrem um nova janela em nossas letras» (Tristão de Ataíde).

«Não é só em Chesterton que Gustavo Corção nos faz pensar... Vamos aproximar «A Descoberta do Outro» das «Confissões» de Santo Agostinho. Sim. E sem receio de cairmos em exagero. Por mais de uma razão. São dois livros de sabedoria e amor. Dois roteiros da razão para a fé. Ambos descrevem a mesma luta pela conquista da certeza. Agostinho, vencendo as dúvidas filosóficas; Gustavo Corção, superando as probabilidades científicas. O que mais justifica a aproximação é o grande traço comum aos dois livros — o amor — levando Agostinho à Santidade, no meio da libertinagem do mundo romano, fazendo de Corção um dos novos apóstolos da verdade, no meio dos desregramentos da sociedade burguesa de nossos dias.» (Sousa Filho, em «A Gazeta» de S. Paulo — Brasil).

EDIÇÕES DE **SET**

SET - Sociedade Editorial «O TRABALHADOR»

Rua António Maria Cardoso, 68 — LISBOA — Telef. 35356

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

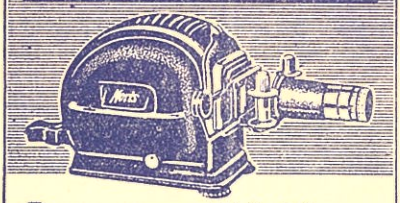
Director — ABÍLIO TAVARES CARDOSO
Redactores — SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO
— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANGO
Administrador — ANTÓNIO AUGUSTO SOBRAL

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

Secretariado Diocesano de Catequese do Patriarcado de Lisboa

Campo Santana, 40
L I S B O A — Telef. 46772

PROJECTORES DE IMAGENS FIXAS **Noris**



Para os formatos de { **24x36 mm** / **18x24 mm**

EMPREGANDO DIAPOSITIVOS MONTADOS EM CACHES DE 5X5 CM, OU FILME DE 35 MM NÃO CORTADO.

- *ESMERADO FABRICO ALEMÃO.*
- *APRESENTAÇÃO MUITO ELEGANTE.*
- *SISTEMA DE ILUMINAÇÃO APERFEIÇOADO COM FILTRO TÉRMICO.*
- *OPTICA FLUORETADA DE EXTREMA LUMINOSIDADE.*
- *DIMENSÕES MÍNIMAS, RENDIMENTO MÁXIMO.*

FORNECIDOS EM ELEGANTES ESTOJOS
PREÇOS: ESC. 1290$00 E ESC. 2250$00

INDISPENSÁVEIS AOS AMADORES FOTOGRÁFICOS, SACERDOTES, PROFESSORES, CONFERENCISTAS E A TODOS QUE PRECISEM DE PROJECTAR DIAPOSITIVOS A CORES OU A BRANCO E PRETO

ESTE É INDISCUTIVELMENTE DOS MELHORES APARELHOS DE PROJECÇÃO. FAZEM-SE DEMONSTRAÇÕES NO SECRETARIADO. VENDEMOS APENAS PARA CATEQUESES E COM GRANDES DESCONTOS.

Além destes projectores temos várias marcas: francesas, italianas e outras alemãs.

Máquinas de cinema desde 2.400$00

DUPLICADORES

A tinta e a alcool (uma autentica tipografia em casa) indispensáveis a uma boa Catequese ou Paróquia desde 400$00 até 4.000$00.

Impressos para Catequese

Todos os modelos necessários para bem montar uma Catequese. Fichas, pautas, boletins de inscrição, notas para comunicação de faltas, folhas impressas para enviar aos pais, cadernetas, selos etc...

CATECISMOS e livros para Catequistas. Os melhores tanto nacionais como estrangeiros.

Variadíssimos JOGOS e construções para uma Catequese activa.

Vários LIVROS para a Missa das Crianças em especial o do Cónego A. Gonçalves em magnífica edição a 5 cores em cada página ao preço de 5$00, fazendo 20% em encomendas superiores a 50 ex.

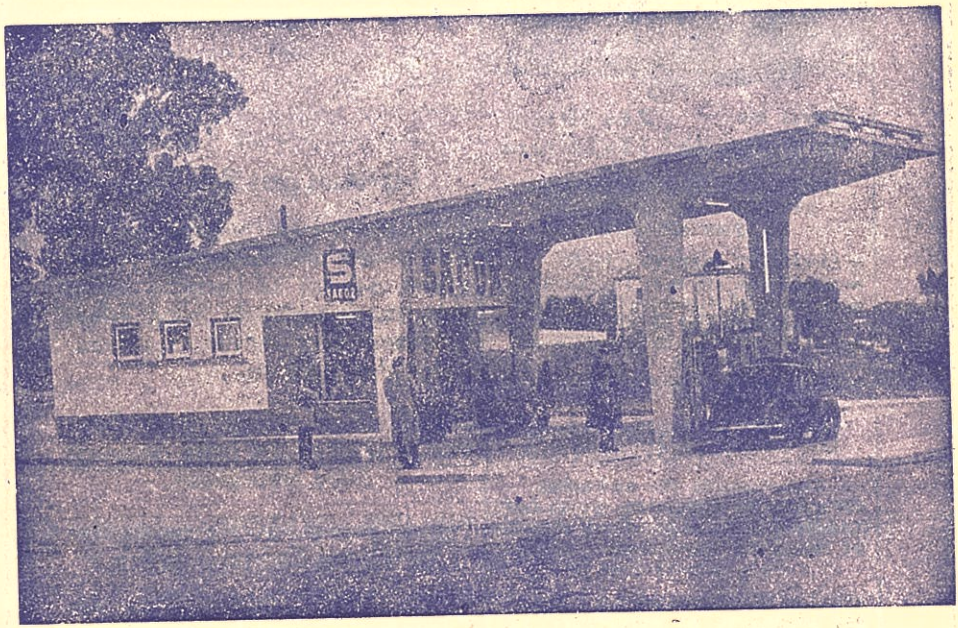
Voz da Catequese

Boletim oficial do Secretariado, indispensável a todos os catequistas e educadores, com excelente colaboração. Cada assinatura individual 7$50. Colectiva 6$00 por ano.

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

O PROBLEMA DA CATEQUESE — PROBLEMA DE MENSAGEM

(a propósito de Liturgia e Bíblia no Catecismo)

Um sortilégio pesa sobre nós, os que estamos acostumados a ensinar e a aprender nas aulas e nos livros, ao abordarmos a Catequese: trazemos inconscientemente para as crianças que nos escutam, as nossas próprias disposições em relação à Palavra escutada ou à Letra de forma, e assim fazemos do Catecismo um mero problema de ensino das verdades Reveladas por Deus, e verdades transmitidas meramente à nossa estatura humana de professores de Religião.

Consequência dessa atitude de espírito, é o cuidado exclusivo em atender, na Catequese, às Pedagogias; «quem souber melhor chamar a atenção para a doutrina e mais apuradamente a ensinar, esse é o melhor Catequista» — pensa-se. Sem dúvida que *isto* é importante; mas é secundário na filosofia dos Valores (digamos assim) do Catecismo! Daí o sortilégio acima referido, que continua perigosamente a enfeitiçar-nos a nós, que nos temos tornado, sem dar por isso, meros professores de Religião, convencidos de que o rendimento da Catequese depende sobretudo da personalidade do Catequista e é aferido por coeficientes pedagógicos semelhantes aos que se apuram no ensino das disciplinas profanas... Isto significa que, para muitos de nós, o problema do Catecismo continua a situar-se no plano intelectual, da simples aprendizagem pelo aluno e da personalidade docente do mestre — quando de facto não é assim: o *problema do Catecismo* é, na sua essência, *problema de Vida,* e, na sua origem, está ligado ao *facto da Mensagem de Salvação.*

*
* *

Repare-se que esta afirmação incisiva não é mera questão de palavras, porque situar adequadamente um problema, é tê-lo resolvido em princípio, é evitar passos em falso, a que se expõem inevitàvelmente

quantos vão abordar a Realidade sem terem a visão das linhas de força que a integram e lhe dão consistência... Não há nada mais prático para a resolução de um problema, do que ter primeiro ideias claras sobre esse problema; e a triste experiência de catequeses mancas e infrutíferas, há-de explicar em grande parte por se abordar o Catecismo sem conhecer a essência do que é a catequização: «transmissão da Mensagem de Salvação a qual, por desígnio misericordioso do Senhor e missão confiada à solicitude da Sua Igreja, é no momento actual apresentada à criança, para que viva da Fé e cresça na Esperança e na Caridade». (1)

Transmitir a mensagem, apresentá-la autorizadamente à alma infantil — porque é sempre exigido o «Fides ex auditu, auditus autem per Verbum Christi» (Rom. 10/17): É só a *palavra de Cristo,* que, soando aos ouvidos gera a Fé; mas a palavra possuem-na sòmente os que receberam missão do Senhor, os que são autênticamente seus «profetas», seus «apóstolos», isto é, porta-vozes, enviados...

Eis o vértice da dignidade dos que catequizam, isto é, de quantos se acham ao serviço da mensagem de Deus, qualquer que seja o nível em que se encontram; eis por igual a sua responsabilidade: hão-de dar conta do que estão a desempenhar, hão-de prestar contas do modo como o fizeram. Todo o catequista, vale, pois, enquanto servidor da Mensagem, e só assim. Mas a Mensagem, é mensagem de salvação, e portanto o anúncio da Mensagem, é para a criança que a recebe, a feliz Boa Nova, a Boa Nova por excelência. Isto traz como consequência, antes do mais, que todo o Catequista, tendo recebido missão da Igreja para pôr as crianças em contacto com a Boa Nova da Salvação, há-de abrir-se ao entusiasmo, às disponibilidades afectivas, sentindo em plenitude a felici-

---

(1) Semelhantemente ao que aqui propomos, veja-se como na sua tão útil obra «Pastorale Catéchétique» (Desclée Paris; 1953) o P.e Grug de Bretagne encara a catequização e a divide: 1.ª parte: O fim da catequização: viver a vida nova em Cristo (Mistagogia); 2.ª parte: O objecto da catequização: a Mensagem (Querigmática); 3.ª parte: O sujeito em causa: o pequeno cristão (e a Didática Sagrada, com as suas técnicas); 4.ª parte: a instituição catequética em relação com o meio (Catecumenado em especial). De modo igual para restituir à catequese o seu dinamismo de vida, o conhecido P.e J. Colomb, P. S. S., (actual director do «Centre National Catéchistique» de França) exigia que ela se considerasse sob três «dimensões»: 1.ª) a da Mensagem cristã a transmitir; 2) a da alma da criança que recebe a mensagem; 3) a da Comunidade cristã onde esta Mensagem é dada («Lumen Vitae,» 1950, pag. 373)

dade de ter encontrado a Salvação e contagiando assim as crianças. Vale a pena sublinhar, de entrada, este aspecto prático da formação de catequistas.

*

* *

Os tempos presentes obrigam a repensar, pois, a problemática do ensino religioso à infância, para tornar mais límpidos os fundamentos da mesma e lhes restituir todo o dinamismo que estavam em risco de perder — invadidos pela farragem das coisas miudinhas e das perspectivas curtas.

Hoje, ao pensar-se «Catequese», pensa-se logo «Bíblia, Liturgia» como as duas formas por excelência que a Mensagem de Deus assume ao vir ao encontro do Homem. E para começar: é a Liturgia uma autêntica forma da Mensagem de Deus? Sem dúvida: porque embora a Liturgia seja, na ordem dos princípios um ponto de chegada em relação à Bíblia e à Teologia, e não um ponto de partida, o certo é que, na ordem da prática, é através da Liturgia que muitos receberam e recebem a Fé, tanto que, durante muitos séculos, a catequização fez-se quase exclusivamente através da Liturgia e ainda hoje a parte de Preparação — Instrução da Missa Romana, recebe o nome de «Missa dos catecúmenos». Se quiséssemos reduzir isto em duas frases apropriadas, diríamos: se na ordem lógica «a lei da fé determina a lei da oração», e portanto a Liturgia é um ponto de chegada, na ordem corrente dos que entram em contacto com a Igreja na sua Liturgia, esta pode considerar-se ponto de partida, e depois de industriados eles na vida litúrgica, é ocasião de se fixar em fórmulas doutrinais, mais tarde, quanto aprenderam antes... Assim se fazia, p. ex., em Roma onde a regulamentação do catecumenado teria a «Traditio» (ou comunicação) do Mistério Cristão sob a tríplice forma: do Pai Nosso — dos Evangelhos — do Símbolo dos Apóstolos. (1)

A oficiatura da Missa, dos Sacramentos, etc., no fio do Ano Litúrgico é pois mensagem da Igreja de Cristo, nossa Mãe (como se diz em Gal.

---

(1) P.e Jungmamn, «Catéchèse» (ed. 1955 pag. 59), acrescenta: «propor a vida religiosa sob a forma que lhe deram a Tradição e os costumes, sobretudo na Liturgia, é a forma mais prática de propor a Mensagem».

4/26) que vai repartindo o pão em pequeninos precisamente para essa Primeira Camada dos cristãos da Paróquia, que são os miúdos... Na prática, guardemo-nos de sequestrar as crianças da iniciação na vida litúrgica: têm direito a ela, é dever nosso, de educadores cristãos responsáveis, proporcionar-lha. Hoje ninguém hesita em pôr as crianças em contacto com as «lições das coisas» litúrgicas como as cerimónias dum Baptismo, o quadro material do Altar e do Sacrifício, etc, e bem assim em prepará-las para o Mistério e Mensagem litúrgicas por meio de «celebrações» ou para-liturgias; e todavia nem a lição das coisas nem a para-liturgia *são* Mistério e Mensagem: preparam apenas para a Acção Litúrgica. Não haja nisto inversão de valores cuidando alguém que basta «compreenderem» as crianças a lição litúrgica dos ritos e cerimónias descurando-se posteriormente a participação viva nos próprios ritos e cerimónias... catequistas apressados e centros de catequese de paróquias anexas (com reduzida vida litúrgica), estão expostos a esse erro de visão. Tem-se dito com razão, que a liturgia é por excelência a fonte do método querigmático (1), isto é, da transmissão viva da mensagem, que, sem prescindir das fórmulas doutrinais fixadas pelo Magistério da Igreja, lhes dá todavia uma «apresentação» viva, como água cristalina que jorra da nascente; e a nascente, no caso, é a Bíblia.

Abraçando ambas as realidades — Bíblia e Liturgia — e relacionando todo o Catecismo com elas, poderíamos propor o seguinte esquema bipartido, que sob a forma de circuito dinâmico vai tomar a vida toda do cristão, desde criança:

1) Da Liturgia ao Catecismo, do Catecismo à Liturgia: eis o vai-vém do processo catequístico na sua fase de primeira iniciação, quando a criança, já desde pequena, vê as imagens sagradas, vai à Igreja, vê e ouve o que se passa nela e que pode ser explicado na medida da sua compreensão depois de lhe ter ferido a afectividade. Entretanto, dois perigos se apresentam, como a prática catequística tem apontado: O primeiro, se não se dispôs nem se preparou intelectualmente a criança para a Acção Litúrgica, esta pode resultar em charada para o espírito infantil, em vez de ser atracção lúdica, pedagògicamente, e caminho aberto para a Ideia religiosa, marcha do concreto para o abstracto; o segundo perigo

---

(1) Grug de Bretagne Pastoral et Catéchètique, pag. 232)

consiste em misturar noções litúrgicas com ideias do Catecismo ou em deixar num certo vago as noções precisas da Doutrina, fazendo pois perder ao Catecismo a sua eficácia didática, que é preciso garantir (1) (como ainda bem recentemente lembrava o insigne mestre que é Mons. Garron, no Congresso Nacional de Ensino Religioso em Paris: catecismo dado em forma didática, é o único meio de assegurar uma aprendizagem eficaz na Religião).

2) Do Catecismo à Bíblia, da Bíblia ao Catecismo: eis o processo catequístico na sua fase definitiva que, o mais tardar a partir dos sete anos, acompanhará o cristão constantemente (não afirmava com insistência o P.e Colomb, na abertura solene do referido Congresso de Paris, como «leit-motiv» de todo ele que a formação catequística da criança não podia ter paragens e interrupções, prolongando-se desde a infância até aos dezoito anos, pelo menos?).

«A Fé buscando a Cristo nos Livros Santos» — poderíamos dizer (como lema dessa iniciação, definitiva, na Mensagem a unir o Catecismo à Bíblia) glosando para o nosso tempo e para o nosso caso o aforismo célebre «Fidens quaerens intellectum»... E depois de buscar e encontrar o Cristo *aparecido* no N. Testamento, e o Cristo *preparado* no A. Testamento, a Fé há-de tender a projectar-se na vida do pequeno Cristão, que será assim, à sua medida e segundo o dom que recebeu de Deus, um «Cristo continuado», projecção autêntica da imagem de Cristo no ambiente que rodeia aquele que assumiu «*o conformismo pessoal*» com o Senhor e com a Sua Igreja.

*

* *

Vale a pena considerar o problema da Mensagem de Deus nos Livros Santos, com um pouco mais de pormenor, colhendo entrementes as aplicações práticas para a Catequese. É o que nos propomos fazer na segunda parte deste simples trabalho. Parta-se, mesmo do princípio que todo o renovo Litúrgico urgente em todos os sectores da vida paroquial, não pode ser convenientemente levado por diante sem um esclarecido renovo Bíblico, e que o renovo Bíblico — não o esqueçamos, por Deus —

(1) Vid. P.e G. Deleuve, S. J., In — Doc. Catechistique, n.º 13, pgs. 8 e segs.

é sempre, onde quer que se lancem mãos à obra para o promover, uma bênção para o Cristão e para a Comunidade. (1) Vejamos, em resumo, alguns dados para a estruturação do assunto:

I — A Bíblia, Mensagem de Deus ao Homem:

— Na ordem maravilhosa da Providência Divina que quer a salvação do Homem, surge a Revelação, agora no caso, consignada nos Livros Santos... É o mistério da Verdade Salvífica, sempre em acto («A palavra de Deus permanece para sempre», como se repete no Ps. 118/89, Is. 40/8, 1.º Petr. 1/25...) mistério da Mensagem da Salvação autenticada seguramente pela Inspiração Divina — «marca» de Deus que fica em todos os livros da Bíblia, até mesmo nas simples narrativas históricas, a autenticá-los, tornando-os palavra certa e infalível,, digna da nossa Fé...

A criança, pois, deve dar conta deste benefício inestimável: Deus envia-nos a Sua palavra, para nossa salvação. Que felicidade tê-la Deus mandado, e termo-la nós encontrado oferecida pela Santa Igreja, nossa Mãe! A salvação veio ao encontro de todos nós, na pessoa de Jesus Cristo; mas antes de nos mandar Seu Filho, não tinha Deus mandado, «por muitas vezes e de variados modos», a Sua Mensagem de Salvação pelos profetas? (Hebr. 1/1; e «os profetas», em sentido lato englobam, como na fórmula do Credo» Locutus est per profetas», todos os Autores dos Livros Sagrados).

A criança, iniciada assim progressivamente, começa a ganhar gosto pela Bíblia, pois nela faz o seu encontro com Deus, (2) e aprende a dar apreço aos outros «encontros divinos» que marcam definitivamente a sua alma: a Igreja — a Eucaristia.

A Bíblia é, pois, uma Presença de Deus: à medida que, pela mão do seu catequista, a criança vai conhecendo a Bíblia, o catequista não

---

(1) Para o verificar basta ver a breve resenha que sob a epigrafe «Le mouvement biblique em divers Peys» apresenta o último número da abalisada revista «Lumen Vitae» (volume X, 1955, no n.º 1, pág. 215-252). Só é pena que, até agora, de Portugal nada haja de interessante a notar (a não ser a «Semana da Bíblia «promovida recentemente pelas Noelistas, a propaganda bíblica levada a cabo por alguns Párocos (como o Rev.º Pároco de Matosinhos, etc.) e algumas edições dos Evangelhos... Mas tudo isto é muito pouco, para o grande público...).

(2) Para notar que a formação bíblica das crianças (sem falar nas narrativas da História Sagrada) não é utopia, basta ver o trabalho recente e tão elogiado do P.e J. Colomb, «Catéchisme Progressif» (3 opúsculos). Pois bem: as lições destes interessantes catecismos apresentam pequenas transcrições de Salmos, etc., já para petizes de 6-7 anos.

deixará de ir fazendo notar como o testemunho de Deus na Bíblia, é constante (Deus nunca deixa «sem testemunho», na ordem sobrenatural e na natural, como já exclamava S. Paulo no curioso episódio de Listra, Actos 14/17...). Assim, Deus multiplica as provas da Sua presença entre o Seu Povo Escolhido, quer marcando os passos decisivos com anúncios proféticos e outros sinais divinos, quer investindo os Seus mensageiros com a eficiência dos milagres autênticos, quer mesmo dando à Comunidade as «credenciais do Espírito Santo», ou seja os carismas sobrenaturais (sobretudo nos tempos do N. Testamento; é notar, por exemplo, o passo curioso de I Corint. 14, para compreender como a Igreja, se é divinamente *hierárquica,* também foi nos inícios, *carismática,* e realmente nunca deixou de o ser...).

II — Porque a Bíblia é uma Presença de Deus, também ela é o testemunho formal das *experiências religiosas autênticas* que os homens fizeram neste longo peregrinar dos séculos a que se dá o nome de «História da Salvação». Poderia agora ver-se, em esquema geral, como Deus veio ao encontro do «Homem Bíblico», oferecendo-lhe os dons da Revelação, da Promessa, da Aliança, no Antigo e Novo Testamento ; e estes dos sacrifícios foram para o Homem ocasião de experiências religiosas decisivas e convincentes, porque nelas o Homem verificou quantas vezes como a Sabedoria e a Misericórdia Divinas vencem todas as falhas humanas.

A criança aprenderá assim, como Deus corrige o mal dos homens, desde Adão... contemporâneos de Noé... contemporâneos de Abraão, etc., *restaurando* o Seu Plano e abrindo sucessivamente as inteligências à Revelação do Salvador, numa gradação admirável do Proto-Evangelho ao Livro de Daniel e Sabedoria... A criança aprende, pràticamente a ver os traços de Jesus pre-figurados no Antigo Testamento, e a pouco e pouco também ela vê como tudo se orienta para o Salvador; e mais: também ela vive na Fé, imitando, a seu modo, as grandes Figuras do Antigo Testamento (Conf. Hebr. 11/); e isto não é resultado de pouco valor, uma vez que a virtude da Fé é e será sempre o começo da Salvação... (1)

---

(1) O passo de S. Paulo «a lei foi o nosso guia para Cristo (Gál. 3/24) bem entendido em todo o seu alcance, tem feito que nos próprios Manuais de Catecismo a parte do A. T. seja cada vez maior. Não é o Catecismo a própria História da Salvação, em ponto pequeno e adaptada à criança? É citar, entre outros os Manuais de Colomb, o «Catéchisme préparatoire» de (Doyer), o «Premiers pas vers Jésus», etc..

Testemunho das experiências religiosas feitas pela Humanidade que beneficia dos dons de Deus para ir ao encontro de Cristo, primeiro, para continuar a Cristo, depois, a Bíblia é mais do que uma História Sagrada, conjunto de sucessos e passagens mais ou menos edificantes... Há, decerto, este aspecto «anedótico» na Bíblia; mas livremo-nos de fixar demasiadamente os olhos das crianças no pormenor curioso, original, impressionante, sem passarmos *além*... Passar além, significará todo o progresso formativo de que acima se dão umas indicações destinadas a bem compreender o Antigo Testamento através do *sentido messiânico* que ele encerra, na generalidade, e em certas revelações, factos, personagens e até mesmo instituições, que prenunciam o Salvador e os Bens messiânicos.

*
* *

III — Ao lado das experiências religiosas positivas, também é formativo para a criança aquilo que poderíamos chamar a «experiência do desastre religioso». Na verdade as perspectivas em que os Autores Sagrados, sobretudo nos livros Proféticos e Históricos, contemplam e apreciam os sucessos infelizes da vida do Povo de Deus, costumam ser perspectivas religiosas. Os colapsos sociais e mesmos políticos são apontados sob a causa principal «infidelidade religiosa» (Vid. o sugestivo II Reis 17/, a propósito da queda da Samaria e colapso do Reino do Norte).

A criança aprenderá, pois, a ver com os olhos da Fé os acontecimentos da História Bíblica, e irá formando no seu espírito e no sentimento esta ideia e princípio: as culpas dos homens, não só ofendem a Deus, como pedem castigo, quantas vezes neste mundo; e deste modo, ao lado da consciência religiosa que se forma, a consciência cívica e patriótica recebe o seu impulso, pois a criança sentirá que as culpas colectivas da sociedade atraem castigos neste mundo, que os Povos têm a sorte que merecem, e que, ao cabo, o bom cristão é o melhor Patriota, pois vivendo a sua fé atrai as bênçãos de Deus sobre os seus concidadãos e assegura, por sua parte, o futuro da Pátria que Deus lhe deu e lhe compete amar dedicadamente.

*
* *

...Não foi sem razão profunda que S. Paulo escreveu: «Toda a Escritura é divinamente inspirada e útil para ensinar, para repreender, para emendar, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus fique perfeitamente preparado para toda a obra boa» (II Tim. 3/16-17).

«O homem de Deus» começa por ser a criança, à qual em consciência devemos pois a «Mensagem de Deus» na Bíblia. Informada a nossa catequese pela Bíblia, por *toda* a Bíblia, o resto seguirá depois.

CN.° A. G. NEVES

———//———

Como bibliografia sumária para o tema «Catecismo e sua relação com a Bíblia e a Liturgia», além do material ocasionalmente apontado, pode indicar-se:

— *Bible, Liturgie et Doctrine, dans la pêdagogie Catéchistique,* pelo Cónego A. G. Martimort, in — *Documentation Catéchistique* (órgão da C. N. catecismo em França), n.° 6 (Jan. 1950, Pág. 10-15).
— *Notre Message,* pelo P. J. Hofinger, in — *Lumen Vitae,* 1950, Pág. 277-293.
— *LE problème da message à transmetre, ou problème Kérygmatique,* pelo P. J. A. Jungmann (o A. é da escola de Innsbruck, notável pelos seus trabalhos sobre a Querigmática) — in *Lumen Vitae* 1950, pág. 271-276.
— *Qu'avons nous à enseigner au Catéchisme?* — pelo P. Condreau (o A. é o director do «Instituto Superior Catequístico», anexo ao Instituto Católico de Paris), in — *Doc. Catéchistique, n.° 15* (Abril de 1952) pág. 12-21.
— *Bible et Catéchisme, pelo Páraco* P. D. Perrot, in — *Doc. Catéchistique* n.° 16, (Julho de 1952), Pág. 9/15).
— O número inteiro da «Lumen Vitae», n.° 1 de 1955, sob o título geral «*La Bible, Histoire du Salut*».
— E um ou outro capítulo do livro de H. Lubienska de Leuval, — *L'Éducation du sens religieux* (Spes, 1945).

A EDUCAÇÃO DA PUREZA

O PROBLEMA DA INICIAÇÃO

Não deve admirar que um número especialmente dedicado à catequese se consagre um dos seus artigos a este assunto. É ponto assente que necessitamos de ideias claras e precisas em matéria tão delicada. Têm surgido ùltimamente alguns livros sobre pedagogia infantil que em capítulos soltos encaram de frente o problema. Não conheço todavia, em vernáculo, qualquer livro de valor científico e religioso que lhe dedique um estudo profundo e pormenorizado.

E, no entanto, diante dos muitos erros cometidos parece-nos proveitoso e oportuno precisar algumas ideias.

Em boa verdade, este problema não deveria ser resolvido na catequese. Esta, se bem que o não descurasse, devia pressupor sempre a iniciação familiar. Isto por várias razões. A principal diz respeito aos perigos e inconvenientes duma iniciação colectiva. Nenhum autor hoje a admite senão em casos muitos especiais e, mesmo assim, sem descer a permenores. Compreende-se que, em matéria tão delicada, haja que ter-se um pouco de recato. As crianças dos nossos grupos de catequese raramente têm as mesmas idades e dificilmente são recrutadas em ambientes familiares do mesmo nível. Daí a dificuldade de conseguir uma verdadeira instrução colectiva que as vá atingir a todas, sem levantar graves problemas de curiosidade que nunca será útil resolver em público.

É, pois, verdade indiscutível para os especialistas que a iniciação deve ser privada e começar no próprio lar desde os mais tenros anos. O problema não se poderá resolver senão dentro de um plano de conjunto, isto é, de coordenação de esforços. De que servem, por exemplo, os conselhos de um catequista se a criança lhe chega às mãos já corrompida e até viciada ? E que eficácia poderão ter se vão encontrar em casa o desmentido formal de tudo o que lhes foi dito?

Temos que olhar o problema de frente. Ninguém desconhece a influência profunda que o pai ou a mãe exercem nos filhos principalmente nos primeiros anos.

É normal ouvir-se dos lábios de um rapazito de 3 ou 4 anos quando

interrogado acerca da sua futura carreira : Quero ser polícia como o meu pai.

Ora é este predomínio natural, desejado por Deus, que os pais devem saber cultivar dentro de um ambiente de confiança para que, na altura propícia possam ser os orientadores seguros de seus filhos em matéria tão melindrosa.

E ao falar de confiança quero atacar um ponto nevrálgico. Se os pais não conseguirem que os filhos se lhes abram desde pequenos, buscando na sua palavra autorizada e amiga a resposta a todas as dúvidas que os anos lhes vão levantando, estão a minar os alicerces de uma verdadeira educação da pureza.

Se a criança, em vez de sentir que os pais fazem seus os problemas que a afligem, nota, da sua parte, uma atitude de incompreensível descontentamento que termina sistemàticamente em frases deste teor : «não tenho tempo para te aturar», «isso não são assuntos de crianças», «vai brincar e deixa-te de disparates», acabará necessàriamente por se fechar em si mesma indo resolver as sua interrogações em matéria sexual junto de companheiros inexperientes e muitas vezes viciados.

Há, pois, que fazer compreender aos pais o grave dever de encararem de olhos bem abertos estes problemas na certeza de que verão os seus esforços bem recompensados. «Se a confiança for cultivada com cuidado, se ela desabrochar no coração dos filhos, nada mais fácil e mais doce para uma mãe que pôr os seus filhos de sobreaviso contra as ilusões da paixão e os perigos da impureza». (1)

Não basta apenas a confiança para termos a criança apta a ser iniciada nos assuntos sexuais. Se por um lado devemos trabalhar para que ela se nos abra, não podemos esquecer que os esquemas de psicologia falham quando não forem aplicados com amor e por amor. É que poderá dar-se o caso de querer pôr em prática todas as regras da psicologia esquecendo que a iniciação sexual nunca pode ser um problema meramente científico. Na educação da criança não devemos nem podemos cingir-nos a esquemas rígidos ou a dados minuciosos de estatística. Cada criança tem o seu mundo próprio com os seus problemas e as suas visões. É do próprio plano divino. Há que debruçar-nos sobre cada uma para entrar

---

(1) J. Renault — La pureté pg. 76.

dentro do «seu mundo» numa atitude mais ditada pelo amor que pelo estudo. A educação da castidade, como de qualquer outra virtude, não pode ser nunca, por mais científica que seja, uma educação fria. A criança, que fosse educada dentro de tais moldes, sentiria sempre pela vida além a falta de qualquer coisa que nunca mais lhe poderia ser dada: a falta da amizade carinhosa que gera a verdadeira confiança.

Só num clima quente e acolhedor a sua sensibilidade se pode desenvolver tranquila e seguramente. E para tal há que exigir-se o contributo dos dois esposos.

Embora ninguém duvide que o pai é mais indicado para iniciar o filho em matéria de castidade e que a mãe está, por natureza, indigitada para mostrar à filha os perigos, deveres e alegrias da sua futura maternidade, o que é certo é que ambos têm de colaborar para que a educação dos filhos seja integral e completa. Só um lar unido e amigo em que os esposos se compenetrem das suas responsabilidades pode ir dando aos filhos a lição que mais profundamente cala : a do dia a dia. A sua mútua acção junto das crianças, em vez de criar dificuldades, deve facilitar o verdadeiro desenvolvimento da personalidade dos filhos e dar à sua educação um sentido de harmonia e equilíbrio.

«Os dois amores, paternal e maternal, cooperam embora influenciando diversamente... mas os dois pontos de vista completam-se para ajudar os pais a compreenderem melhor as íntimas disposições daqueles que Deus lhes confiou. Esta fusão de 2 naturezas, masculina e feminina, permite uma educação mais penetrante, misturando numa mesma autoridade a força e a doçura, a justiça e a bondade, a razão e a sensibilidade». (1)

Como coroa de abóboda dos dois pontos focados, um outro aspecto surge no qual os dois primeiros encontram a sua plena razão de ser: o da colaboração com Deus.

De facto, se os pais não estiverem convencidos de que neste trabalho são os colaboradores de Deus junto dos filhos, estão a amputar as verdadeiras dimensões da sua obra. Só a esta luz devem encarar o problema e, também, só na medida em que mostrarem aos filhos que a educação da pureza se enquadra num plano providencial querido por Deus estarão a dar-lhes as armas seguras de conquista. É bom não esquecer que a vir-

---

(1) Jean Viollet — «Le mariage» — pág. 200

tude da castidade, se bem que virtude humana alicerçada no bom treino da vontade e na criação de bons hábitos, não pode deixar de ser, em caso algum, uma conquista espiritual. Urge, pois, desde os primeiros anos o grave dever de apelar para o homem não deixando de ensinar a confiar na graça.

São de Pio XI as palavras que afirmam : «podemos e devemos recorrer aos meios naturais, mas é querermo-nos enganar a nós próprios imaginar que tais meios são suficientes para assegurar a castidade ou atribuir-lhes uma eficácia maior do que à graça sobrenatural». É no fundo a ideia do grande pedagogo Gaston Courtois : «mutila-se a verdade expondo só o lado fisiológico desses problemas. É muito importante expô-los em síntese em que não sejam descurados os aspectos sentimental, social e religioso». (1)

Pelo que fica dito se pode concluir que os pais devem olhar para o problema da educação sexual dos filhos com o verdadeiro sentido do real, isto é, tomando consciência da sua missão, sem esquecerem todavia que o assunto não pode ser resolvido por um mero ministrar de conhecimentos que não tenha por base um ambiente familiar favorável onde a virtude, a confiança e o amor sejam a temperatura normal a dosear o pleno desenvolvimento das crianças.

Estes os três aspectos que tentei focar como tríptico preparatório de uma possível e eficaz iniciação no mistério da vida, dada pelos pais e adaptada pelos catequistas e demais educadores que tenham de suprir deficiências da educação familiar.

Quando deve começar — Será lógico começar por precisar a idade em que deve começar a iniciação. No entanto a esta interrogação natural nunca se poderá dar uma resposta satisfatória porque em nenhum campo os números devem falhar tanto como neste.

De facto a iniciação deve começar no momento preciso em que a criança a exija. Ora esta exigência é regulamentada por factores muitas vezes estranhos à idade. Assim a precocidade intelectual, o desenvolvimento físico, o equilíbrio psicológico, o temperamento e até a saúde podem determinar a ocasião propícia para os primeiros ensinamentos. Isto mostra

---

(1) «A arte de educar as crianças de hoje» — pág. 214

que cada caso há que ser estudado de per si de modo a atender ao desenvolvimento psico-somático da criança. Não quero dizer com isto que não possa marcar-se a idade normal da primeira iniciação. Entre os bons autores é costume afirmar-se que a criança equilibrada precisa de começar a ser esclarecida entre os 3 e os 5 anos. É a opinião de M. Le Pasteur Servanté, na brochura *The Psychology of the Boy :* — «o interesse pelas questões do nascimento, do sexo e outras semelhantes aparecem à criança normal entre os 3 e os 5 anos». (1) E não nos admiremos se conhecermos crianças desta idade a quem nunca tivéssemos ouvido perguntar sobre este assunto.

«Sempre que uma criança, tendo chegado à idade de 4 ou 5 anos, não faz espontaneamente perguntas relativas a coisas sexuais devemos ficar desconfiados, pois, nêsse caso, é absolutamente de suspeitar que ela conseguiu compreender, pela atitude dos pais, que se trata de um domínio que é proíbido abordar». (2)

E embora esta afirmações nos pareçam exageradas, não deixam de ser defendidas e fundamentadas com casos concretos e elucidativos. Escreve o Dr. Good: — «Digo-vos que numa estatística de mais de 4.000 casos de vício secreto que pude recolher graças a observações feitas sob o ponto de vista médico, verifiquei que 45% começou por ter o vício entre os 11 e os 18; 24% entre os 7 e os 9; 12% antes dos 7 anos». (3).

J. Renaut no seu livro «La Pureté» afirma conhecer alguns casos em que as crianças aos 8 anos já sabem tudo nesta matéria.

Diante destes casos não há que duvidar. A iniciação deve começar desde os primeiros anos para que não continuemos a afirmar «que 60% das crianças, rapazes e raparigas, foram, uma vez ou outra, objecto de tentações deste género, sem que os pais o suspeitassem». (4)

É pois necessário que os pais abram os olhos para estes números na certeza de que «é melhor agir muito antes que um instante mais tarde». E de tal modo isto hoje é ponto assente que muitos autores afirmam que

---

(1) Citado por A. Lemaire em «Le rôle des parents e des maêtres dans rêducation de l'a pureté — pág. 58.

(2) De Pfisteo — «La psicanalyse au service des educateurs» pág. 174 — Citado em «Arte das artes: Educar uma criança».

(3) «Le rôle des parents...» pág. 19

(4) «A arte das artes: Educar uma criança» pág.213

a certas crianças mais tímidas se lhes deve levantar o problema com a devida delicadeza e prudência.

Do que fica dito duas conclusões se impõem :

1) No caso de crianças normais educadas dentro de um ambiente de franqueza e espontaneidade há que atender à sábia afirmação do Cardeal Verdier: — «A perturbação da alma, as tentativas de confidência, são índices certos de que deseja ser esclarecida e que é necessário esclarecer». Estes sinais aparecem sempre antes dos 5 anos.

2) Num ou noutro caso em que o temperamento ou as deficiências do meio hajam tornado a criança tímida e metida consigo há que ser dado da nossa parte o primeiro passo atendendo a que «são tão graves e, tantas vezes, tão persistentes as consequências duma revelação malsã que, se houver perigo desta, existe — regra geral — muito menos perigo em esclarecer as crianças do que em deixá-las expostas às revelações precipitadas e brutais».

(Continua)

ALBERTO NETO

O ENSINO RELIGIOSO À CRIANÇA

O ensino religioso às crianças tem sido uma das grandes preocupações da Igreja, em todos os séculos.

Os Sumos Pontífices nunca deixaram de alimentar, com maior ou menor intensidade, a sua expansão e adaptação de métodos; e o Episcopado (de todo o mundo), correspondendo ao apelo do Santo Padre, tem procurado pôr em prática as normas mandadas da Santa Sé sobre tão grave problema. E é, por isso mesmo, realidade consoladora verificar o incremento que está a tomar, entre nós, o esforço para adaptar às exigências modernas o ensino do Catecismo.

Vem isto a propósito da III Semana de Estudos Pastorais que, com tão prometedores frutos, se realizou no nosso Seminário, nos dias 19, 20 e 21 de Abril último, presidida por S. Ex.as Rev.mas os Senhores D. Manuel dos Santos Rocha e D. António de Campos, Venerandos Bispos auxiliares do Patriarcado.

Os temas das sessões de estudo que, este ano, se subordinaram ao «Ensino religioso à Criança» foram assim distribuidos :

Dia 19 — «A necessidade e urgência do ensino religioso à criança, perante a ignorância religiosa do nosso tempo» pelo P.e José Honorato Gomes Rosa; e «A Catequese Paroquial» pelo P.e João Maria Gomes Trindade.

Dia 20 — «O ensino religioso ministrado na escola Primária pelos Dr. Isaias da Rosa e P.e Luís Martins Aparício; e «Escolas do Magistério Primário e formação dos Agentes de ensino» pelo Senhor Cónego António Gregório Neves.

Dia 21 — «Recrutamento e formação de catequistas» pelo Dr. Gustavo de Almeida; e «Os catecismos complementares, ou como amparar as crianças das nossas catequeses» pelo Senhor Cónego António Gonçalves.

Como sempre acontece em todos os actos importantes da vida da Igreja, também agora os trabalhos se iniciaram com a solene invocação do Divino Espírito Santo na Santa Missa, depois da qual se abriu a primeira sessão de estudos.

O discurso inaugural foi feito pelo Sr. Bispo de Priene que quis iniciar a semana de estudos sob o signo da autoridade.

Notável e profundamente teológico o discurso de Sua Ex.a Rev.ma.

Estas semanas de estudos, disse, são destinadas à reflexão sobre problemas pastorais, ou seja, problemas que dizem respeito ao ministério sacerdotal — ensinar, reger, santificar — mas ensinar, reger santificar... como, quando e onde a Igreja o determina.

Desta afirmação fundamental — subordinação à Igreja, i-é, ao Papa e aos Bispos —, extraiu S. Ex.ª Rev.ma três corolários que explana a seu templo: a necessidade e dever de *pensar com a Igreja,* de *sentir com a Igreja* e de *agir com a Igreja.*

— O que pensa a Igreja — o Dogma, a Moral e a Liturgia no-lo ensinam.

— O que sente a Igreja, como reage ela diante dos acontecimentos, que atitude toma perante eles — a sua História o proclama.

— De que modo age a Igreja — as normas do Santo Padre e do Episcopado no-lo tornam patente.

Resumindo em forma negativa os deveres da grei acrescenta S. Ex.ª Rev.ma a expressão antiga e consagrada «nihil sine Episcopo», quer dizer, deve haver sempre uma «disciplinada renúncia à escolha ou critério pessoal quando o Bispo manda ou aconselha».

«Não se põe o princípio da infalibilidade para obedecer aos Bispos ou mesmo normalmente ao Papa, como não se invoca esta razão para obedecer aos Pais ou ao Poder civil legítimamente constituido».

«A doutrina não é nova nem ignorada, felizmente. Estas palavras pensei-as diante do Senhor, diante d'Ele as proferi, a Seus pés as deponho para que seja Ele a dar-lhes luz, calor e vida».

Seguiu-se imediatamente a primeira lição — «Necessidade e urgência do ensino religioso à infancia, perante a ignorância religiosa do nosso tempo», pelo P.e José Honorato Gomes Rosa.

Porque é Mãe espiritual e porque o Seu Divino fundador lho confiou, a Igreja tem o poder e o dever de ensinar — «docete omnes gentes» (Mt. 28/19) —, de ministrar aos fiéis a Palavra Divina.

A necessidade do ensino religioso é cada dia mais premente, se olharmos à descristianização dos povos e à realidade alarmante da ignorância religiosa do tempo actual que Pio XI classificou como «a grande vergonha das Nações católicas», «a chaga aberta no lado da Igreja». Atendendo

à ignorância religiosa de hoje e dos primeiros séculos da Igreja, notamos que o problema actual se reveste de uma gravidade mais acentuada, porque «a sociedade moderna não é pagã como a dos primitivos tempos da Igreja, mas apóstata. Outrora era o desconhecimento; hoje, o repúdio».

Por outro lado, o ensino do Catecismo é o fundamento de toda a vida cristã; donde, ser este o primeiro problema a estudar e a resolver.

Olhando a evolução do ensino Catequístico, verifica-se que, desde os primeiros séculos, o Catecismo tem sido essencialmente litúrgico, evangélico e fundamentalmente orientado para a vida. Ora nós hoje, estamos a viver uma época, em parte semelhante à dos primitivos tempos da Igreja.

Como consequência lógica, temos de aplicar os mesmos métodos — Catecismo concreto, sugestivo, pedagógico. Tem de ser vida, porque «se não alimenta para a Vida, pode ser veneno» (conclusão do Congresso Catequístico de Bordéus — 1947). Porque a catequese é a exposição da História da Salvação, o Catecismo tem ser de fundo Bíblico; e para que as crianças recebam as graças próprias de cada Mistério Cristão, necessário se torna que a catequese seja ministrada, não em 2 ou 3 meses, mas ao longo do ano litúrgico — o Catecismo tem de ser Sacramental.

Geralmente, o centro da doutrinação catequística será a pessoa de Cristo — o nosso melhor amigo, o Salvador, que está entre nós na Sua Igreja, o Senhor Jesus — e desta ideia central conduzir a Deus e à Igreja com a Moral e os Sacramentos.

«A catequese Paroquial» foi o tema da lição do P.e João Maria Gomes Trindade.

A sua organização é qualquer coisa de importante. O zelo e o sacrifício são perdidos em grande parte se não há organização.

Donde o interesse e a importância necessários em examinar todos os factores que possam influir no melhor ou pior rendimento.

Há que ter em vista, antes de mais, a psicologia da criança, e por isso é altamente vantajoso e indispensável a decisão da catequese por classes e grupos segundo a sua capacidade de compreensão. Tem de se atender ao local em que a catequese é dada, à forma de o tornar atraente e apropriado ao fim a que se destina: limpeza, mobiliário, ornamentações, quadros parietais, quadro preto, prémios como meio, não como fim).

Sendo a catequese um dos meios principais de acção pastoral, é preciso enquadrá-la na vida da paróquia — a necessidade de acção junto da família para que colabore com a catequese, não aconteça que perante a indiferença ou mesmo oposição dos pais, se perca todo o trabalho despendido.

Na manhã do 2.º dia foi tratado o tema «o ensino religioso na escola primária pelo Dr. Isaias da Rosa, que fez uma exposição sobre os fundamentos canónicos e teológicos deste ensino e largo comentário à legislação civil com base na Concordata e outros documentos; e pelo Rev.º P.e Luís Martins Aparício que visou o aspecto prático do ensino e as relações a estabelecer entre a escola e a catequese paroquial.

Cada vez se vai tornando mais urgente a necessidade de fazer vincar nas crianças o amor e respeito devidos aos legítimos Superiores (4.º Mandamento), o aproveitamento das quadras litúrgicas para despertar o interesse pela vida religiosa da paróquia (pelas campanhas do Presépio, do Crucifixo florido, da Comunhão Pascal, do Mês de Maria...) e a presença do Sacerdote na escola, ao menos algumas vezes no ano — Natal, Quaresma, Páscoa e mês de Maio.

Muito a propósito, foi uma vez mais lembrada a necessidade das escolas católicas, subsidiadas, no todo ou em parte, pelo Estado, conformes à doutrina e aos direitos da Igreja, constantemente proclamados pelos Sumos Pontífices, em especial Pio XI, na «Divini Illius Magistri». Na verdade, não basta, para satisfazer às necessidades religiosas dos fiéis, uma aula semanal de Religião, na escola; é necessário que toda a educação seja católica, a começar na organização e nos metodos. «Para católicos, só a escola católica — afirma Pio XII; — é preciso que tudo seja revestido do espírito cristão».

O problema do ensino religioso nas escolas do Magistério Primário foi larga e profundamente desenvolvido pelo Senhor Cónego António Gregório Neves que, depois de frisar a importância máxima destas escolas, analisou os programas oficiais do ensino religioso nelas ministrado para verificar qual o minimum que satisfaz a consciência católica no que toca

ao ensino da Religião e da Moral, e qual a maneira mais viável de remediar as deficiências da organização actual não apenas nas molas do Magistério, mas também nos agentes do ensino já em exercício.

A primeira lição do último dia foi dada pelo Senhor Cónego António Gonçalves sobre «Os catecismos complementares, ou como amparar as crianças saídas das nossas catequeses».

Depois duma cuidadosa exposição dos princípios fundamentais da psicologia, e dos perigos que acompanham a criança durante a puberdade (crise moral, crise religiosa, necessidade do amor...) e que provocam, em muitas, o afastamento da Igreja, após a Profissão de Fé, analisou as obras existentes e experiências feitas ou a fazer, no Patriarcado. Uma vez mais, a acção dos pais foi reconhecida absolutamente indispensável para encaminhar a vida da criança. Mas para que tal suceda, é necessário converter em realidade o que Mons. Cardijn já dissera: «Para um mundo novo: são precisas familias novas»; — e para renovar os pais é preciso prepará-los bem para o casamento, pois, sem isto não se pode garantir proficiente educação dos filhos.

Por outro lado, para garantir o bom fruto da acção dos pais é imprescindível a colaboração da escola ou liceu; — e aqui surge de novo a dificuldade: sem professores católicos, sem liceus católicos não é possível na grande maioria dos casos, garantir uma educação católica. Os colégios são apanágio dos ricos — os pobres não os podem frequentar.

Mas todos os cidadãos pagam os seus impostos e contribuições ao Estado; por isso têm o direito de que os governantes que livremente escolheram (ao menos indirectamente), lhes proporcionem uma educação de acordo com os sentimentos religiosos que professam. E todos nós temos de partilhar e, na medida do possível mas com a prudência que as circunstâncias exigem defender estas mesmas ideias, que não são mais do do que a doutrina incessantemente proclamada pela Santa Igreja através dos Sumos Pontífices. — —Tudo isto para mostrar de novo a necessidade e urgência das escolas e liceus católicos que assegurem uma educação verdadeiramente católica.

Porém esses liceus e escolas, quando os tivermos, não resolverão por si sós e em toda a parte o problema do amparo religioso às crianças

saídas da Catequese. São necessários outros meios e esses, temo-los na Cruzada Eucarística bem organizada nos Organismos Pré-juvenis da Acção Católica, no Escutismo para rapazes e para raparigas, e obras semelhantes.

O último tema, pelo Rev.mo Dr. Gustavo de Almeida, versou «o recrutamento de Catequistas».

Sem bons catequistas, não pode ser boa a Catequese, e sem esta não pode ser rendoso o aproveitamento catequético. Para uma formação conveniente é indispensável aproveitar e desenvolver ao máximo, naqueles que desejam colaborar na divina obra da catequização infantil, o amor à verdade, a boa vontade, a honestidade, o espírito de justiça, a dedicação pelas crianças..., enfim um conjunto de qualidades que permitam uma acção proveitosa junto das crianças.

A formação do catequista é tarefa que nos deve preocupar intensamente, sabido como é muito difícil ser-se bom catequista. «É mais fácil — e isto são palavras do Santo Padre Pio X — encontrar um orador que fale com abundância e brilho do que um catequista que mereça pleno louvor».

Pela breve resenha que tentei fazer dos trabalhos da III Semana de estudos Pastorais do Patriarcado, sobre o «Ensino religioso à infância», se conclui que: perante a ignorância religiosa do nosso tempo, é preciso desenvolver e aperfeiçoar cada vez mais o ensino do Catecismo que tem de ser centrado em Cristo, de fundo bíblico, litúrgico e essencialmente orientado para a vida, porque, se o não for, será algo de inútil ou mesmo prejudicial àquele a quem é ministrado.

NICOLAU BAPTISTA

INQUÉRITOS

Os inquéritos de que publicamos a seguir os resultados, mais que um deitar contas ao trabalho até hoje feito, representam uma sondagem dos meios em que se movimentam as crianças a quem ensinamos o catecismo, em ordem a um conhecimento mais concretizado dos mesmos.

A par da renovação dos processos pedagógicos pela preocupação de um ensino indutivo e concreto, pelo emprego dos métodos activos, pela individualização do esforço educativo, assiste-se a um esforço, cada vez mais tido como indispensável, por ter em conta o ambiente concreto em que vive a criança, o qual determina a eficiência prática de todo o trabalho do catequista.

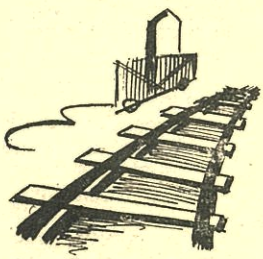
Esses meios (paroquial, familiar, escolar) podem e devem colaborar na formação da criança, sob pena de pouco ou nada se conseguir como o têm provado, em muitos e dolorosos casos, a nossa experiência.

Infelizmente, dada a descristianização actual, ainda não é possível uma colaboração de todas as forças influentes.

Perante as graves conclusões que os números nos obrigam a tirar vamo-nos contentando — o que já não é pouco — em cultivar nas crianças um grande espírito apostólico e missionário, para que de produtos fatais dum meio descristianizado, as possamos transformar em elementos de influência e conquista cristãs.

PARÓQUIA DOS OLIVAIS

I — Meio paroquial



1) A paróquia dos Olivais, que em 1940 apresentava a população de 18.042 habitantes deve actualmente ser habitada por cerca de 15.000 indivíduos, já que o desenvolvimento do Bairro da Encarnação e de Moscavide lhe deve ter tirado à volta de 3.000 pessoas.

A paróquia agrupa-se em diferentes zonas, a mais importante das quais é a que se desenvolve junto da Igreja Paroquial. Em virtude da relativa pequenez de cada uma destas zonas, os seus habitantes ainda têm vida bastante em comum sobretudo por meio das crianças e mulheres. Como os chefes de família, na sua generalidade, passam a maior parte do dia fora das zonas de habitação (cf. I 3), esta comunidade de vida tem pouca influência estrutural na organização dos Olivais.

2) O elemento predominante na paróquia é o operário. As restantes pessoas, mesmo assim, estão intimamente relacionadas com a actividade fabril—guarda-livros, empregados de escritórios, guardas, etc..

3) Em 239 crianças interrogadas, 102 têm pais que trabalham fora da paróquia ou seja 40,1%. Note-se no entanto que a paróquia é muito vasta e possui numerosas fábricas dispersas. Desta sorte, mesmo a grande parte dos pais das restantes crianças passam o dia fora de casa. Este facto, junto com o da saída das mães para trabalhar fora dos lares (cf. III, 3) e o das más condições de habitação da maior parte dos habitantes, explica a saída das crianças para a rua com o consequente desagregamento da célula familiar. Veja-se a este propósito o ponto seguinte.

4) Os divertimentos infantis agrupam-se em torno de quatro centros:

o cinema, que é frequentado semanalmente pela maior parte dos catequizados com mais de dez anos;

o futebol, frequentado pelos rapazes na sua grande generalidade. (O facto da hora dos desafios do clube local coin-

cidir com a hora da Missa dominical a que costumam vir as crianças, explica em parte a diferença notável de percentagem dos catequizados que vêm às lições de 5.ª feira, 54% dos inscritos, e dos que vêm ao domingo, 32%. Daí, dada a dificuldade de dar mais interesse à catequese do que ao futebol, a necessidade de mudar a hora da Missa das crianças);

as festas das Sociedades de Recreio (bailes): é este um ponto de capital importância. Com consentimento das famílias, verifica-se que grupos inteiros de crianças da mais tenra idade frequentam os bailes quase semanalmente — pelo menos todos os que se realizam nas *Sociedades* locais. Assim, por exemplo, em 6 raparigas dos 12, 13 anos, 5 frequentam semanalmente os bailes; em 17 rapazinhos dos 5 aos 9 anos, 9 também os frequentam regularmente. Existe uma lei proibindo a entrada a menores a estes espectáculos — cuja influência deletéria fácil é de verificar, muito embora lhe ponham o rótulo de festas familiares. Cremos que o problema da assistência de menores aos bailes é comum a todos os bairros urbanos ou limítrofes habitados por gente modesta. Impõe-se portanto que se urja o cumprimento da lei em vigor e que se pense em dar centros de interesses infantis sãos para tirar as crianças destes ambientes.

a rua: é o grande passatempo das crianças. Os pais, grande parte do dia fora dos lares (cf. I,1 e II,3) e a crise de habitação explicam suficientemente este fenómeno. Daí, a desagregação da família, a tendência à vagabundagem e à ociosidade, e, já que rapazes e raparigas saiem em igual número para a rua, têm brincadeiras mixtas e certas liberdades cujas consequências não são leves num ambiente tão mal informado por cristianismo como é o da paróquia.

5) O protestantismo nesta paróquia não se mostra tão activo como nas paróquias vizinhas. São conhecidos alguns elementos protestantes mas esses nem sequer aqui têm lugar de culto indo aos serviços da Encarnação e de Moscavide.

Quanto ao comunismo: o meio é operário; os processos de auscultação que possuimos sobre este ponto são bem limitados. Nada consta de bastante positivo sobre a actividade comunista.

O grande problema da Paróquia é a apostasia prática da sua população (Cf. I, 7 e 8). Causas desta apostasia são o hábito de uma vida separada da Igreja, anticlericalismo ainda bastante poderoso, indiferença perante os problemas religiosos do homem. Para esta indiferença contribuem poderosamente as dificuldades materiais da maior parte da população.

6) Além da organização do ensino religioso nenhuma outra obra existe dedicada às crianças. Houve algumas tentativas para fundar : Cruzada Infantil, o Escutismo e a Pré-J. O. C. mas falharam, segundo nos disseram, por falta de elementos capazes.

7) Assistem às duas Missas dominicais na igreja paroquial uma média de 400 adultos e 100 crianças (35 rapazes, 65 raparigas). Na igreja de Marvila, ainda dentro da paróquia, devem assistir em média umas 600 pessoas. Como a população se calcula à volta de 15.000 almas, a percentagem dos que assistem à Missa dominical é muito baixa: 7,3%.

Para confirmar este dado inquiriu-se junto de 211 crianças o número daquelas cujos pais vinham habitualmente à Missa dominical. Só 41,2% dos pais vêm normalmente à Missa (pai, 14,2% mãe 27%»; e 249 crianças perguntou-se quantas tinham vindo à Missa no domingo anterior. Vieram 57,3%

Atendendo que os pais a que se refere este segundo inquérito são pessoas casadas ou com vida matrimonial, que têm filhos e que mandam os filhos à catequese paroquial; que as crianças interrogadas são as inscritas na catequese, a percentagem de 7,3% para o conjunto da população não nos parece muito improvável.

O Preceito Pascal é cumprido, na Igreja Paroquial, por cerca de 320 pessoas (250 adultos e 70 crianças); considerando que uns 400 habitantes o cumprem na Igreja de Marvila, a percentagem da população que se desobriga é muito baixa: 4,8%.

Inquirimos junto de 118 crianças ainda na catequese, que nos anteriores anos já tinham feito a 1.ª Comunhão, quantas já cumpriram este ano o Preceito Pascal. Verificamos que 84% delas já o tinham cumprido. O número é bastante bom e permite-nos algumas esperanças quanto à prática religiosa destas crianças, embora elas ainda frequentem a catequese. A comparação com o ponto seguinte deixa-nos porém um pouco suspeitosos quanto à consciência da obrigação da prática cristã.

8) Entre as crianças que frequentaram a catequese paroquial dos Olivais desde 1944 a 1954, a média das que, uma vez feita a Comunhão Pascal, perseveraram é de 43,6%. É de notar que a média nos anos de 1944, 45 e 47 e dos anos 1952, 53 e 54 é diferente, sendo a destes últimos ligeiramente superior—47% e 50,4%

Este resultado é porém desanimador se estabelecermos percentagem não sobre os que fizeram a Comunhão Solene mas sobre os que se inscreveram na catequese. A percentagem desce verticalmente de 43,6% para 4%. Quer dizer que a juventude se afasta sistemàticamente da prática religiosa. As causas deste facto não as devemos encontrar só no ambiente social que é mau religiosamente, mas também nas deficiências do ensino catequístico sobretudo em razão da pouca preparação dos agentes de ensino e dos métodos pedagógicos empregados.

II — Meio familiar

1) Em 55 crianças interrogadas, 56,3% têm pais casados religiosamente. Se juntarmos a estas 55, 26 que afirmaram em bloco a legalidade dos seus lares, facto que estranhou o próprio inquiridor, a percentagem sobe para 66,7%, percentagem que é superior ao que se esperava numa paróquia com estas características. As pessoas recentemente chegadas da província são um dos grandes factores desta percentagem

2) Em 129 crianças interrogadas.
24,7% são filhos únicos;
29,4% têm um irmão;
29,4% têm dois ou três irmãos;
15,5% têm mais de três irmãos.

A média de 44,9% de famílias com mais de três filhos é bastante boa.

A média de filhos nas famílias de 221 crianças interrogadas é de 3 por família, média sensìvelmente igual à de toda a Lisboa (em 1940, 2,4 por família) já que no nosso interrogatório não entraram famílias sem filhos.

O número de crianças é já bastante grande para, dado os resultados de 13, II,3 e sobretudo II,4 se explicar por este facto a sua saída para a rua.

3) Em 219 crianças interrogadas, há 78 cujas mães trabalham fora de casa isto é, 35,6%. Os filhos destas famílias ficam assim entregues a si mesmos grande parte do dia. Daí resulta a saída para a rua, e o desagregamento da família de terríveis consequências.

4) 82 crianças foram interrogadas quanto ao número de pessoas que habitam as suas casas e o número de divisões destas.

Em barracas vivem 13,5%; miseràvelmente, isto é, em barracas ou em casas com número de divisões manifestamente insuficiente 60,2%; deficientemente 6,1%; suficientemente 4,9%; em boas condições 29,3%.

Também o facto de só 34,2% da famílias ter condições razoáveis de ha... ção provoca o desagregamento da família (cf. I, 3; I, 4; II, 2; II, 3).

5) Em 141 crianças interrogadas 12,8% são acompanhados por Pai ou Mãe à Missa dominical. Pelo Pai só, 21,%; só pela Mãe 12,8%.

Nota-se no entanto que a percentagem dos pais que ajudam os filhos nos trabalhos catequísticos é maior: 29,4%.

Destes dois dados se conclue (juntamente com os dados do ponto I, 7) que a acção junto das crianças sem apoio familiar é totalmente ineficaz e explica a falta de perseverança das crianças (cf. I, 8). Que a acção junto dos pais se pode fazer também por meio de pequenos trabalhos que confiemos às crianças, para os quais peçamos a colaboração da família.

III — Meio Escolar

Trabalham na paróquia 8 professoras distribuídas por 4 escolas. Destas prati-

cam 50% e ensinam catequese 62,5%. No entanto a catequese atinge todo o pessoal infantil das escolas graças aos catequistas que lhe são enviados todas as 5.ª feiras.

*
* *

No fim deste árido enunciado de números de um inquérito convem resumir em duas linhas o estado da paróquia e o que se nos afigura dever fazer-se para lhe resolver os problemas.

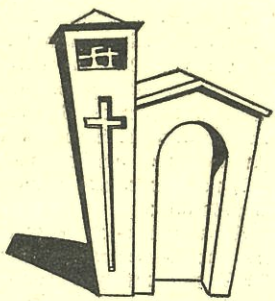
A catequese mostra-se deficiente, quer no número de crianças que atinge. quer na maneira como atinge as que a frequentam. Contudo são as crianças os elementos mais maleáveis a preparar para a recristianização dos Olivais.

O ambiente social e familiar é mau, e a ele devemos atribuir grande parte da culpa nas deficiências apontadas.

Duas coisas importa realizar simultâneamente: recristianização do ambiente social (para isso fomentar sobretudo os organismos especializados da Acção Católica — o que já se está fazendo) e preparação da futura sociedade por meio de uma inteligente e eficaz acção catequística (preparação cuidada dos catequistas, aplicação às realidades concretas locais das orientações gerais do Secretariado da Catequese).

Miguel Ponces

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO



Todas as semanas, à quinta - feira de tarde, desloca-se à freguesia de Santo Eugénio do Bairro da Encarnação um contingente de vinte e um seminaristas, com o fim de catequizar, nas escolas oficiais e particulares, os filhos deste recente aglomerado populacional, sentinela avançada de Lisboa, situada à esquerda da estrada que à capital conduz vinda de Vila Franca de Xira.

Há já bastantes anos que os carreiros poeirentos ou enlameados que ao Bairro nos levam, são testemunhas destas missões de apóstolos entusiastas e, contudo, o Bairro parece, à primeira vista, impenetrável à nossa dedicação apostólica; como pode isto explicar-se? Para podermos responder cabalmente, é mister apontarmos quais os meios ambientes condicionadores da nossa catequização.

Meio Paroquial

A título algum se pode chamar comunidade à paróquia do Bairro da Encarnação. Agrupamento de casas recentes, contando cerca de dez anos de existência, possui uma população de cerca de 6.500 habitantes (censo de 1950) e uns 2.000 fogos, ou seja uma média de 3,1/4 habitantes por lar. Porque aglomerado recente e moderno nota-se no bairro a independência das famílias entre si, de tal maneira que a paróquia não poderá constituir, nestes anos mais chegados, uma autêntica comunidade, elemento indispensável a um ambiente de valorização social e cristã. O elemento predominante da população é constituído por «funcionários públicos», categorizados uns, inferiores outros, numa percentagem de 60%. O resto da população é constituído por operários, alguns especializados, e por empregados de escritório.

Toda esta população exerce a sua actividade ou na capital, ou nas fábricas próximas de Sacavém e da Centieira. É um meio essencialmente residencial.

No sector dos divertimentos existe no Bairro um barracão de cinema com cerca de 300 cadeiras e um campo de Basquetebol. Mas se este pouco é deficiente para os adultos, mais deprimente é para as crianças a falta de parques infantis de recreio que os obriga ou a isolarem-se em casa, ou a servirem-se, com perigo, das ruas para as suas diversões ou então a procurarem sítios

estranhos ao Bairro, degenerados, que são causa de ruína para elas próprias porque longe das vistas dos responsáveis de educação sofrem a influência deletéria de más companhias.

Note-se ainda que muitas das crianças que passam pelas nossas mãos ou receberam uma triste iniciação cinematográfica dos tempos anteriores à actual legislação ou são grandemente influenciadas, ainda hoje, pelo cinema, apesar de haver sessões especialmente organizadas para as suas idades.

O protestantismo está a tomar um certo incremento, ao menos exteriormente. No entanto, a existência de três seitas *(Evangélicos, Adventistas do Sétimo Dia, Testemunhas de «Jeová»)* que se degladiam mùtuamente, é para nós a melhor arma de doutrinação e o meio mais eficaz de as reduzir à impotência.

As crianças são arrastadas fàcilmente por prémios valiosos, canto, recitação, etc., havendo contudo a notar a resistência tenaz, e por vezes heróica, de muitas delas e o seu provado amor à verdadeira Fé. A presença do protestantismo no Bairro, é, talvez, em certa medida ,o estimulante duma catequização mais cuidada e atenta. As obras de infância, por enquanto, abrangem um sector muito restrito e existem sòmente o Lobitismo e a Pré-Juventude. Há também uma cantina que se destina a auxiliar materialmente as crianças pobres (32) com tendência de desenvolvimento muito notório.

Prática Religiosa

Quanto aos adultos, as três missas de domingo (8, 10 e 12 horas) têm uma assistência de 850 a 1.000 pessoas, ou seja, menos de 20% da população. Há a acrescentar a este número, pessoas que por comodidade ou por qualquer outro motivo vão a Lisboa assistir à Missa. Este ano a comunhão pascal colectiva não ultrapassou as 300 pessoas.

Quanto às crianças, das 650 em idade escolar e que portanto recebem influência nossa, só 430 vão à catequese paroquial e destas nem todas vão à Missa dominical, embora haja crianças que vão à Missa sem frequentarem, todavia, a catequese paroquial. Esta é administrada ao domingo, e a alguns grupos à segunda-feira. Embora no começo (2 anos), tem já um numeroso grupo de catequistas (24) zelosas e activas com algum material catequístico à disposição. É, pois, no elemento infantil que reside actualmente a grande esperança da freguesia. Há crianças com uma vida de piedade edificante que mais se evidencia olhando ao meio arreligioso e indiferente que as rodeia. Todos os sábados à tarde há confissões para elas embora não haja determinada comunhão mensal. As crianças que perseveram, são, contudo, em número quase nulo o que se deve em grande parte à irresponsabilidade dos pais. Há já algumas tentativas de grupos de perseverança com catequização semanal e conferências mensais.

Meio familiar

Aproximadamente 26, (5%) dos lares do Bairro não estão legalizados à face da Igreja. Não se trata apenas de descuidos ou irresponsabilidades mas, em em muitos casos, de aversão positiva ao casamento católico. A razão está para quase todos, na intransigência com que a Igreja mantem a indissolubilidade do matrimónio.

Se atendermos ao número de habitantes, ao de crianças, à percentagem de 3,1/4 pessoas por casa e ainda a que algumas famílias (só 34%) possuem três ou mais filhos temos de concluir que o índice de natalidade é bastante reduzido. Das mães das 200 crianças que interrogámos 24,8% trabalham fora de casa. Há no Bairro pelo menos 70 famílias necessitadas, algumas mesmo em condições muito deficientes e com dificuldades enormes, principalmente por causa do desemprego. Outros há que tiram à boca do seu pão para pagarem a renda da casa, garantia de a poderem possuir.

Das crianças que frequentam as escolas oficiais do Bairro, há 17,7% que vivem fora do bairro, em geral, em condições miseráveis de habitação. Do total das crianças só 37,6% têm a felicidade do exemplo dos pais no que respeita à prática dos deveres religiosos. A irresponsabilidade e incoerência destes chega, por vezes, a tal ponto, que alguns

apesar de praticarem, deixam os filhos na mais absoluta liberdade de não cumprirem.

Meio escolar

Há no Bairro da Encarnação 15 salas de aulas, sendo 3 particulares e as outras oficiais: 6 para cada sexo. À excepção de uma escola particular, todas estas têm catequese ministrada por seminaristas. Embora 50% dos professores pratiquem, nem sempre em alguns se encontra o apoio e interesse que seria para desejar.

Conclusões

Visto que o rendimento da catequese nas escolas é muito fraco, quer por falta de condições e material, quer por falta de frequente e eficaz contacto com as crianças, trabalha-se há já dois anos por uma boa catequese paroquial que desde os começos parece enveredar por bom caminho.

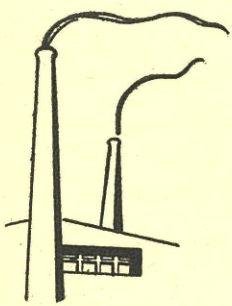
Perante a irresponsabilidade da maior parte dos pais, torna-se cada vez mais urgente responsabilizá-los pelo problema catequístico da formação religiosa dos filhos. Sendo verdade que para tal fim principiou a haver algumas conferências e reuniões, é necessário, contudo, fomentar, cada vez mais, contactos verdadeiramente produtivos entre a catequese e os pais, de modo a que estes ganhem a consciência dos deveres que lhes incumbem no campo da educação religiosa dos filhos, porque só a educação *completa* de uma criança é um valor para a Sociedade e para a Igreja.

Verificada a falta de amparo às crianças após a Profissão de Fé, além da colaboração dos pais, torna-se urgente a organização de uma boa perseverança para os jovens.

Muito conseguimos já e acreditamos firmemente que a resolução urgente e perfeita destes pontos será o meio mais satisfatório e eficiente para bem coroar os melhores esforços dispendidos a bem das crianças do Bairro da Encarnação.

JOSÉ ALCOBIA

PARÓQUIA DE SACAVÉM



Das catequeses assistidas actualmente pelos nossos seminaristas é a de Sacavém aquela que mais ansiosas interrogações nos levanta.

Factores sociológicos, morais e familiares dominam e condicionam de tal maneira o ensino religioso que ultrapassam e abafam quase totalmente o esforço e espírito apostólico de gerações que ali vão deixando a alma do seu entusiasmo catequístico.

Isto à face duma pastoral prática e baseada em dados estatísticos, porque no fundo das almas fica sempre a semente capaz de germinar na altura oportuna.

Além de que é muito já ter conquistado a simpatia das crianças e através delas o respeito e admiração dum meio agressivo e anti-clerical. É aliás o primeiro passo para a recristianização desta gente.

Sacavém que há dez anos tinha 6.000 habitantes conta hoje para cima de 9.000, absorvidos na sua quase totalidade pela actividade fabril — cerca de 80%. É massa quase pagã constituída, em mais de 50%, por gente que do Norte do país sobretudo vem à procura de melhores dias, para, afinal, na miséria, deixar sepultada a sua fé, ao contacto dum ambiente minado pelo materialismo grosseiro, que salários vergonhosos lhes impõem e à margem de qualquer influência religiosa. Encontra-se aqui o tipo verdadeiro do proletário.

Terreno propício, para uma disfarçada actuação comunista, difundir a imoralidade e criar hostilidades contra a

religião.

É esta a explicação suficiente da insensibilidade religiosa deste povo e dos resultados quase nulos da nossa catequese.

A criança não encontra apoio algum para sua vida cristã.

Cerca de 90% das crianças chegam à Catequese i g n o r a n d o absolutamente qualquer verdade da religião; recebem o ensino cristão durante o tempo da escola, dum modo geral com bastante eficiência, mas nada depois as premune contra as influências incitantes e destruidoras do meio e da família, e tudo se perde fatalmente.

Meio Paroquial

Em Sacavém não há uma comunidade paroquial.

Apenas 10% dos habitantes frequentam regularmente a Igreja, e destes só 8% praticam assiduamente. No entanto consideram-se católicos uma maioria de 90%.

Isto dá-nos uma assistência à Missa dominical de 700 pessoas — 60% crianças, 40% adultos. E destas apenas 600 cumpriram o preceito pascal o que dá 7% relativamente ao total da população.

A falta de meios adequados é uma das falhas essenciais da paróquia para um apostolado eficaz.

Sobretudo faz-se sentir a falta de organismos juvenis que proporcionassem à criança, e depois aos adolescentes, um meio de perseverança em ambiente tão nefasto à vida cristã.

A paróquia não as auxilia. As famílias são incapazes, na sua grande maioria, física e moralmente, de formar os seus filhos.

A sua escola é pois o ambiente social que lhes facilita e as atrai aos bailes espectáculos públicos e as perverte moralmente por volta dos 10 e 11 anos.

Meio Familiar

Temos em Sacavém 2.250 famílias.

Há cerca de 15% que não estão legalizadas. Quanto às condições de habitação, 40% vivem em barracas e apenas 15% em boas condições. A maior percentagem de famílias numerosas, 50% encontra-se estre as que vivem em condições miseráveis, pois das *570* crianças inscritas na catequese cerca de 65% provêm desses tegúrios.

E são estas precisamente que criam ao ensino religioso angustiantes obstáculos. Não têm condições económicas e morais para o receber, nem os pais podem nisso colaborar: 45% das mães trabalham todo o dia fora de casa.

Em inquérito feito a 570 crianças, sabemos que os pais de 350 delas vieram de fora e que destes, praticando geralmente nas suas terras, apenas 9% continuam a praticar com alguma regularidade.

Das 570 crianças, 28% costumam assistir à missa do domingo durante o tempo da catequese e estas em 9% são acompanhadas pelos pais.

Das 150 crianças em média saídas das escolas todos os anos e que receberam o ensino catequístico, há uma percentagem de 15% que perseveram durante os primeiros anos descendo depois pouco a pouco até estacionar por volta dos 10%.

O Meio Escolar

As escolas hoje abrem-nos francamente as portas. Não há hostilidade. Mas encontra-se sim, uma certa indiferença, o que não deixa de ter perniciosa influência no espírito das crianças.

Praticam quase todos os professores: 10 em 14. Interessam-se verdadeiramente por colaborar no ensino da religião 4.

É pois neste panorama que se desenrola um autêntico drama do ensino religioso. É impossível que um catecismo, dado já em péssimas condições pedagógicas e num ambiente tão hostil, possa penetrar profundamente nas almas das crianças. A palavra de Deus tem as suas exigências. Se não for dada em condições normais estiola.

Nos últimos cinco anos frequentaram anualmente a catequese uma média de 550 crianças. Andou à volta de 45% as que só no fim de cada ano fizeram a comunhão. E no fim dos 4 anos da escola, ficam apenas umas 4 a 5% que não receberam alguma vez os sacramentos.

Baseados pois nestes números e dei-

xando de lado o que neles há de desorientador, algumas conclusões se impõem.

A freguesia de Sacavém necessita de resolver o problema de que pràticamente dependem todos os outors: o abandono da vida religiosa das crianças ao saírem da catequese.

São animadores os resultados imediatos da catequização das crianças e por meio delas a influência missionária exercida na mentalidade do meio.

Mas há a impossibilidade duma vida religiosa sem uma vida social ordenada.

E é precisamente a idade juvenil a mais dominada pelos factores sociológicos e morais.

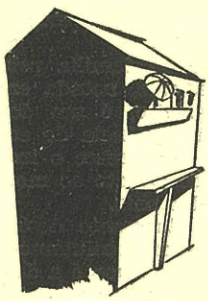
As perspectativas pastorais apresentam pois um trabalho difícil mas de modo algum desanimador:

esforço para a perseverança dos jovens por meio de obras paroquiais e a envangelização do mundo operário, de maneira a integrá-los numa comunidade cristã capaz de lutar contra a ambiência que se respira.

Equipa

PARÓQUIA DE MOSCAVIDE

I — Meio Paroquial



1) Moscavide não constitui uma comunidade paroquial; é um aglomerado bastante heterogéneo de pessoas, a que falta o sentido comunitário e mesmo familiar. A maioria das pessoas que frequentam a Igreja não conhece nem se interessa pelos problemas paroquiais, trata-se de um meio formado por indivíduos de proveniências muito diversas, atraídas pela cidade.

A sua população era de 4.000 pessoas em 1940; 10.000 em 1950; conta actualmente 15.000. O ritmo actual de aumento populacional explica o que acima fica dito.

2) Muitas pessoas dedicam-se à vida comercial que é já bastante intensa; há certa percentagem de funcionários públicos e empregados de escritório. Contudo, o número das que trabalham em fábricas circunvizinhas, dos empregados na fábricas locais, em garagens e oficinas de pequena indústria e nos prédios em construção, faz predominar o operariado.

3) Elevado número de pessoas tem na paróquia apenas a residência. Há, todavia, possibilidades de fixação cada vez maior, para o que contribuem o comércio, garagens, pequena indústria e construção civil, a que já aludimos.

4) Nos divertimentos existem problemas graves relacionados com a criança.

Verifica-se a assistência de menores em bailes de toda a espécie e hora, em sessões de cinema impróprias para a sua idade. Numa escola de 26 alunas (4.ª classe), 7 vão habitualmente ao baile. No cinema, os crianças passam fàcilmente por adultos. Na citada escola, 18 frequentam o cinema, cinco das quais se deslocam a Lisboa «porque aqui há poucas vezes». Numa escola masculina das primeiras classes, 40% frequentam o cinema.

5) O protestantismo desenvolve propaganda activíssima, embora surda, visto haver uma só seita (Evangélica). Há um salão evangélico, para cujas sessões se fazem convites. Externamente, servem-se de panfletos, que não raro aparecem no chão. Isto tem influência mesmo sobre as crianças que mostram, inocentemente, ideias falsas: confissão a Deus, etc.

6) Actualmente os organismo juvenis estão reduzidos à pré-joc. Houve lobitismo que morreu.

7) A percentagem de adultos na assistência à missa dominical é de 10% e das crianças de 50%.

Cumprem o dever pascal 5% dos adultos e 30% das crianças.

8) Perseveram 50% das crianças, na assistência à Missa.

B — Meio Familiar

NOTA — Este inquérito foi feito sobre 435 crianças das 650 que frequentam a catequese. As percentagens que se seguem relacionam-se com aquele número.

1) Os pais de 35 crianças não estão casados à face da Igreja, isto é, 8%.

2) Dentre o número inquirido há 108 famílias com um filho (24,8%); 113 famílias com dois filhos (25%); 64 com 3 filhos (14,7%); 52 com 4 filhos (12%); 28 com 5 filhos (6,4%); 13 com 6 filhos (3%); 15 com 7 filhos (3,45%); 7 com 8 filhos (1,6%); 4 com 9 filhos (0,92%); e 2 com 12 filhos (0,40%).

3) As mães de 129 crianças (29,6%) trabalham fora de casa, algumas das quais em fábricas. Em toda a freguesia é de 40% a percentagem das mães nas mesmas condições. Casos há em que toda a família vive do trabalho da mãe.

4) Vivem em condições miseráveis de habitação 65 famílias (14,5%). A maior parte em buracos e as restantes em caves.

4) Apenas em 100 casos (23%), os pais acompanham as crianças à missa, no geral só a mãe. Há vários casos em que os pais se opõem ao cumprimento religioso dos filhos. A par da hostilidade há uma grande massa de indiferentes que apenas tolera a vida religiosa das crianças.

C — Meio Escolar

1) Afora três casos de indiferentismo, todos os professores praticam.

2) Todos os professores deste ano colaboraram no ensino da catequese. É justo distinguir casos de dedicação extraordinária, com sacrifício notável dos mestres.

Conclusões

1 — Dada a ausência de espírito comunitário deste povo e o número elevado de famílias com filhos únicos, é dificílima a educação cristã, humana e social da criança, que cresce e se forma no espírito de desinteresse por tudo o que não lhe diga respeito.

2 — A desagregação da família pela ausência do pai e da mãe, notada em muitos casos do inquérito, é um dos pontos de obstáculo à eficiência do ensino religioso dado, a que cresce o indiferentismo e hostilidade quanto ao mesmo ensino, por parte dos pais.

3 — A frequência alarmante destas crianças aos divertimentos absolutamente imprórios a que já aludimos é a destruição de toda a pouca influência que a catequese possa exercer sobre eles.

J. Armando

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

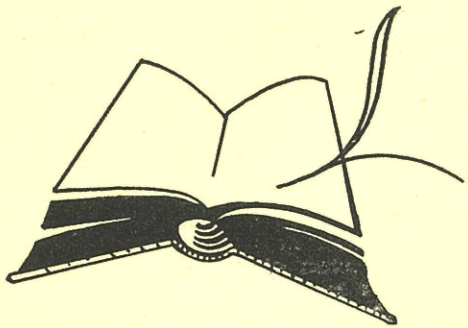
Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita



Livros novos

— **A arte de educar as crianças de hoje** — *Gaston Courtois* (1)

— **A psicologia infantil — linhas fundamentais** — *Guy Jacquim* (2)

— **A arte das artes — educar uma criança** — *Joseph Duhr* (3)

Três foram os livros ùltimamente publicados sobre matéria pedagógica infantil. É consolador assinalar o interesse crescente que a educação da juventude está a despertar entre nós. Todavia isto é ainda muito pouco.

Dos três livros publicados nenhum é de autor português. Daqui se conclui que é necessário debruçarmo-nos sobre os bons autores estrangeiros para que, rasgando horizontes mais largos e tentando pôr em prática conselhos e sugestões apontadas, possamos num futuro próximo apresentar as lições da nossa própria experiência.

Não quero, no entanto, afirmar com isto que nada se haja feito em Portugal.

O Beiral — jardim-escola — sob a competente orientação da Ex.ma Sr.a D. Maria Teresa Navarro é, entre nós, uma lição clara e irrefutável do muito que se pode fazer.

A Obra do Gaiato é outro padrão indiscutível do que pode render o rapaz — mesmo o mais miserável — quando enquadrado dentro de um ambiente favorável onde a sua personalidade desabroche naturalmente em toda a sua riqueza e plenitude.

Também as semanas de estudos catequísticos realizados nas várias dioceses foram alavanca poderosa a despertar boas vontades e a mostrar com evidência os quadros artificiais e antiquados em que ainda nos movemos.

Todos estes esforços, porém, não têm ido além de tentativas individuais sem um plano de conjunto que as integre e as exija. Isto porque a nossa mentalidade está ainda muito aquém das prementes necessidades do nosso tempo e porque somos naturalmente prudentes e desconfiados diante de tudo o que venha remodelar as nossas categorias mentais.

* * *

Parabéns, pois, à feliz iniciativa lançada pela A. C. ao propôr para assunto dos estudos do presente ano, a criança.

Fruto desta decisão foi o aparecimento do livro de Joseph Duhr «*A arte das artes — educar uma criança*» — editado pela Acção Católica.

Obra séria de documentação abundante e precisa, com algumas páginas de preciosa bibliografia e umas dezenas de

---

(1) Editorial Set.
(2) Idem.
(3) Editorial A. C..

questionários, apresenta-nos um estudo minucioso da educação em geral Começando pelo travejamento fundamental vai, numa sucessão lógica, mostrar como formar o homem, o cidadão e o cristão para depois apresentar o clima familiar propício a este desenvolvimento progressivo.

Sem ser todavia um estudo aprofundado da psicologia infantil nos seus princípios essenciais é, antes de mais, um óptimo livro de divulgação onde o grande público encontrará numa linguagem viva e despretensiosa exemplos convincentes, estatísticas exactas e relatos da mais flagrante oportunidade.

Foi, no entanto, a Editorial Set que nos forneceu o melhor material pedagógico do ano. Com dois volumes publicados e a promessa de um terceiro, lançou no mercado os nomes prestigiosos dos conhecidos pedagogos Gaston Courtois e Guy Jacquim.

De Courtois foi publicada a tradução de «*L'art d'élever les enfants d'aujourd'hui*», numa apreciação elegante com sugestiva capa de Marcelo de Morais. É, dos três livros apontados o mais adaptado a toda a gente, quer pela limpidez da linguagem, quer pela clareza dos conceitos, quer mesmo pela simplicidade na exposição das matérias (Ver *Novellae Olivarum* — n.º 121 de Janeiro 1955).

«*A psicologia da criança — linhas fundamentais*» de Jacquim é, sem sombra de dúvida, a chave de ouro do tríptico apontado.

Não é pròpriamente um livro de divulgação se bem que o estilo e as ideias sejam adaptadas a qualquer. Mais que simples registador de factos o autor surge-nos como conhecedor profundo e amadurecido da psicologia infantil. Nota-se, no entanto, que a explanação do assunto em vez de seguir o ritmo lógico mas frio do puro raciocínio científico, brota quente e palpitante de cada pormenor. As suas deduções em vez de meras deduções intelectuais são comunicação viva e concreta bebida no contacto diário e íntimo com a juventude.

Divide o trabalho em duas partes: caracteres gerais da psicologia da criança e períodos do seu desenvolvimento. A primeira parte não vai além da apresentação sintética do problema nas suas linhas gerais como que a fazer o enquadramento da matéria que será desenvolvida na 2.ª parte. Esta divide-a em três períodos: a primeira infância até à crise dos 3 anos, a segunda infância até à crise dos 7 anos e a terceira a findar na crise dos 12 anos. Trata ainda sumàriamente do perído da puberdade com a respectiva crise moral dedicando, em apêndice, algumas páginas ao estudo particular da psicologia feminina. Desenvolve em cada período as características dominantes fazendo uso de alguns interessante gráficos.

É digno dos mais rásgados elogios o esmero cuidadoso da apresentação cuja capa de Marcelo de Morais é de louvável originalidade.

Em resumo: um grande livro para todos os que procuram ideias sérias e seguras nesta matéria e principalmente para nós, a quem o Senhor chamará de mais perto ao ensino das crianças através do nosso ministério.

ALBERTO NETO

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALÚRGICA
S. A. R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

Viúva Macieira & Filhos

Casa Fundada em 1804

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho.
Armazém de papeis nacionais e estrangeiros e papelão — Papelaria.
Trabalhos tipográficos em todos os géneros.

Telefone: P. P. C. A. 31721/2

Rua da Madalena 10 a 22 LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais - Lâmpadas Suspensões
Banheiras - Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS AQUECIMENTO ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO CENTRAL CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS ASCENSORES TELEFONES
VENTILAÇÃO

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

Tecidos pretos R.M.

PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Lanifícios pretos, meias de algodão lã e Nylon

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de Preço

Sociedade Editora
ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - BEJA - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)



C. SANTOS

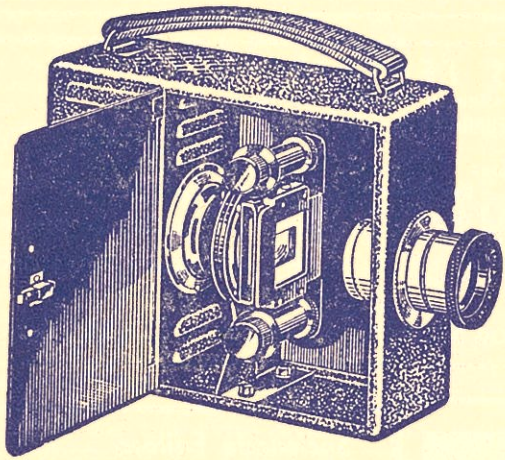
LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor
DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

EX.MOS PÁROCOS, CATEQUISTAS, EDUCADORES:



Para o ensino adoptai o

CAMERAFIX

o projector que se impôs pela sua

luminosidade

simplicidade

economia

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS

Santa Maria Goretti
As obras de misericórdia
Os 3 videntes de Fátima
Santo António de Lisboa
São João de Deus
O filho pródigo (parábola)
O bom Samaritano (parábola)
Os Sacramentos (colorido)

RECREATIVOS

O trinco da porta
Pedrinho, cabeça no ar
A história da Carochinha
O lobo e a cabaça
Cavalo fidalgo e burro invejoso
João pastor e o cão leal
A cigarra e a formiga
A garça e a raposa
O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76 - 2.º **LISBOA**

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINÁRIO DE
CRISTO-REI / OLIVAIS